

Dentre os vários Gramsci, um educador socialista!

Armenes de J. Ramos Jr.

RESUMO

O artigo realiza breve síntese das principais categorias gramscianas, à luz do método por ele utilizado, o materialismo-dialético, com vistas a subsidiar uma leitura atual do pensador e militante italiano. Também destaca aspectos da educação para a construção da hegemonia pelo proletariado. O texto é parte da tese de Doutorado intitulada "A Formação de um Intelectual Coletivo: um estudo sobre o percurso dos Militantes na construção da Saúde do Trabalhador no Paraná", do mesmo autor. UFPR - 2007. Endereço eletrônico <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/handle/1884/13669>



A obra de Antonio Gramsci tem grande destaque na produção marxista do século XX. Entretanto, por não ter sido sistematizada pelo autor, ela tem permitido leituras diversas do seu conteúdo, ora mais à esquerda, ora mais à direita. O próprio Gramsci apontou esta "incompletude" da sua obra, uma vez que escreveu a maior parte dela no cárcere, submetido a um cerco de censura constante, além de não ter acesso a muitos textos que seriam fundamentais para dar mais consistência às suas análises. Além disso, Gramsci ficou restrito à Itália pelo Stalinismo e pode ter sofrido as limitações de elaborar sua teoria sobre uma sociedade em particular.

Segundo Florestan Fernandes, as obras dos marxistas devem ser analisadas num modo inteiro, "principalmente o cruza-

mento concreto entre determinações gerais e particulares, pelo qual o todo da análise materialista-dialética não comporta nem simplificação conceitual, nem redução empírica, nem abstração pulverizadora".¹

Não se pode ser gramsciano pela metade, escolhendo aqui ou acolá aspectos que sirvam para explicar determinada particularidade, conforme a conveniência do escritor.

Gramsci travou um combate com o que definiu como "maximalismo", grupo reformista que era a extrema-esquerda do Partido Socialista Italiano, entendido como uma concepção fatalista e mecanicista da doutrina de Marx, que supõe ser inelutável que o proletariado vença e, portanto, seria inútil mover-se, já que as massas viriam até nós. Contra esta concepção,

Gramsci invoca Lênin, que dizia que para vencer o inimigo de classe, devemos aproveitar qualquer rusga em seu seio e utilizar todo aliado possível, mesmo os incertos, vacilantes e provisórios. Primeiro é preciso desagregar o inimigo para depois enfrentá-lo em campo aberto.

A Sociedade Civil recebe de Gramsci vários sinônimos, que ajudam a compreender o seu papel. Portadora material da figura social da Hegemonia, esfera de mediação entre a infra-estrutura econômica e o Estado, constitui a "trama privada" e é a soma dos "aparelhos privados de hegemonia".

Segundo Coutinho, Gramsci não nega o materialismo histórico, como base da produção/reprodução da vida material, relações sociais e como fator ontologicamente primário na

1. Florestan Fernandes, 1981

história. O Estado para Marx, Engels e Lênin é Aparelho de Repressão (detém o monopólio da violência). Em Gramsci, o Estado analisado é mais complexo, sendo que grandes sindicatos, partidos de massa, jornais proletários e sufrágio universal dão a forma a este Estado. Para Gramsci, "Marx não poderia ter experiência histórica maior que a de Hegel, portanto, organização política para Marx era organização profissional, clubes jacobinos, conspirações, pequenas organizações, organizações jornalísticas".²

Segundo Gramsci, a socialização da política é possível no capitalismo desenvolvido, com a formação de Sujeitos Coletivos de Massa, que atuam entre dois planos superestruturais:

*o que pode ser chamado de "sociedade civil", isto é, o conjunto de organismos chamados comumente de "privados" e o da "sociedade política ou Estado" e que correspondem à função de "hegemonia" que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de "domínio direto" ou de comando, que se expressa no Estado e no governo "jurídico". Estas funções são precisamente organizativas e coercitivas.*³

Sociedade Civil é o conjunto das organizações para elaboração e difusão da Ideologia: escolas, partidos, igrejas, organizações profissionais, organização material da cultura (revistas, jornais, meios de comunicação de massa). A luta pelo poder no Estado deve ser ganha na Sociedade Civil antes, ou seja, durante a Transição, como Processo (Guerra de Posições).

O plano da Sociedade Civil é abrangente e vasto, pois constitui o campo da ideologia, que pode ser classificada em diversos graus:

Não se pode ser gramsciano pela metade, escolhendo aqui ou acolá aspectos que sirvam para explicar determinada particularidade, conforme a conveniência do escritor

a) Filosofia: individual, mais elaborada, chave-mestra da Ideologia, se prolonga no Senso Comum para dirigir a sociedade;

b) Senso Comum: traços difusos de uma época/meio, não é igual na sociedade, seu traço fundamental é constituir uma concepção fragmentária e incoerente; é o folclore da filosofia;

c) Religião: tem vínculo maior com o Senso Comum do que com a filosofia;

d) Folclore: concepção de mundo não elaborada e assistemática, conjunto indigesto de fragmentos contaminados.

A verdadeira relação entre filosofia e senso comum é feita pela política para assegurar a hegemonia. O dever de qualquer novo grupo social é definir sua própria filosofia e combater o senso comum.

A estrutura e o material ideológico são a articulação interna da Sociedade Civil. Organizações Culturais materiais são construídas para defender e desenvolver a frente teórica, e suas frações são, por exemplo, a magistratura e os oficiais do exército.

Estado burguês e Estado proletário

A classe dominante não tem no Estado sua única fonte de poder, este poder nasce da posse dos meios de produção, é expressão concreta de relações so-

ciais que se produzem e reproduzem na sociedade. Por isso, a disputa de hegemonia é um processo de "construção" de uma ordem de instituições próprias da classe trabalhadora para se contrapor às instituições burguesas. Nestas instituições proletárias, organizar-se-iam as relações que se transformariam em uma nova "cultura", que constituiriam a base para a construção de um novo "Estado", de um duplo poder, nos termos leninistas. Assim, Gramsci afirma que:

*o Estado socialista existe já potencialmente nas instituições da vida social, características da classe trabalhadora explorada. Coligar entre os trabalhadores estas instituições, coordená-las e subordiná-las a uma hierarquia de competência e de poderes, centralizá-las fortemente, embora respeitando as necessárias autonomias e articulações, significa criar desde já uma verdadeira e própria democracia operária em contraposição eficiente e ativa com o Estado burguês, preparada desde já para substituir o Estado burguês em todas as suas funções essenciais de gestão e de domínio do patrimônio nacional.*⁴

Nesta passagem, Gramsci contrapõe as "instituições operárias" às burguesas, atribui também um caráter de Estado a estas instituições, uma vez que estas estejam organizadas, centralizadas e subordinadas a uma determinada hierarquia. Em outra passagem esta afirmação fica

2. Carlos Nelson Coutinho, 1981

3. Antonio Gramsci, 1989, pp42-49

4. Idem, 1976a, pp337



A verdadeira relação entre filosofia e senso comum é feita pela política. O dever de qualquer novo grupo social é definir sua própria filosofia e combater o senso comum

ainda mais clara:

O problema concreto do Partido Socialista é (...) o problema do poder, é o problema dos modos e das formas pelos quais seja possível organizar toda a massa dos trabalhadores italianos numa hierarquia que organicamente culmine no partido, é o problema da construção de um aparelho estatal, que no seu âmbito interno funcione democraticamente, isto é, que garanta a todas as tendências anticapitalistas a liberdade e a possibilidade de se tornarem partidos de governo proletário e, em relação ao exterior, que seja como uma máquina implacável que mine os organismos do poder industrial e político do capitalismo.⁵

O fim do Estado, para Gramsci, é o fim dos mecanismos de coerção do Estado, ou a reabsorção da Sociedade Política na Sociedade Civil. É a supremacia da hegemonia/consenso sobre a coerção/dominação.

Por ter esta concepção, Gramsci foi crítico à URSS de

Stálin, apesar de, por escrito, elogiar Stálin e se posicionar contra Trotski na questão da Revolução em um só país. Suas críticas se acentuaram com o fim da NEP (Nova Política Econômica) gradualista e com o processo de coletivização forçada e de industrialização acelerada.

Gramsci propunha como meta o fim das divisões governantes/governados e dirigentes/dirigidos, no que se assemelha a Lênin, em Estado e Revolução, que propõe a completa socialização do poder. Mas, para Lênin (assim como para Engels) essa completa socialização ocorre quase automaticamente, com a extinção das classes sociais. Já Gramsci, supõe uma luta na política, nas instituições socialistas, faz uma crítica à "estatolatria" da URSS.⁶

Apesar de reconhecer a importância de fortalecer o Estado em alguns países (onde a Sociedade Civil é fraca), durante as

primeiras etapas da Construção do Socialismo, Gramsci propõe o Autogoverno dos produtores em lugar do Governo dos Funcionários. Diz que, o Estado Socialista deve fortalecer a Sociedade Civil como *condição para sua própria extinção*. O fim do Estado, o fim da coerção é o início do Governo da Sociedade Civil. Gramsci é contra a identidade partido/Estado, ideologia do partido/ideologia do Estado.

Esta construção do conceito de Estado em Gramsci, permeada pelas "incompletudes" da sua teoria, associada às limitações da escrita no cárcere (onde ele não podia escrever, por exemplo, sobre a importância da insurreição para a tomada do poder) permitiram que setores socialistas reformistas tomassem (até os nossos dias) sua teoria como base para o reformismo. A utilização reformista de Gramsci supõe uma leitura parcial de sua obra, descontextualizada do conjun-

5. Ibidem, 1976b, pp 81

6. Carlos Nelson Coutinho, 1989

to e também da situação histórica em que vivia o pensador e militante italiano. Gramsci não deixou dúvidas quanto ao papel que os setores reformistas dão ao Estado:

Os socialistas têm simplesmente aceito a realidade histórica produzida pela iniciativa capitalista. Eles acreditam no caráter perpétuo e fundamental das instituições do Estado democrático. Na visão deles, a forma dessas instituições pode ser corrigida e retocada aqui e acolá, mas deve ser respeitada no fundamental (...). Nós, por outro lado, permanecemos convencidos de que o Estado socialista não pode ser incorporado nas instituições do Estado capitalista (...) O Estado socialista deve ser uma criação fundamentalmente nova.⁷

Desta leitura de Gramsci se depreende a formulação da necessidade de um Partido Comunista que tenha como uma de suas tarefas fundamentais a de:

colocar ao proletariado e seus aliados o problema da insurreição contra o Estado burguês e da luta pela ditadura do proletariado (...) a conquista violenta do poder necessita da criação de um partido da classe operária com um tipo de organização militar, amplamente difundido e enraizado em cada célula do aparato estatal burguês, e capaz de golpear e infligir-lhe sérias baixas no momento decisivo da luta.⁸

Podemos afirmar que o conceito de Estado em Gramsci estabelece vínculo direto com a tradição de Marx, Engels e Lênin, ao tratar deste como um organismo próprio de um grupo que utiliza o monopólio da coerção, mas não apenas este monopólio, para manter a hegemonia sobre a sociedade. O Estado não pode, entretanto, se apresentar como

órgão de uma classe, precisa manter a aparência de uma representação universal da sociedade.

O manutenção desta aparência implica na incorporação, como direitos, de reivindicações e interesses do proletariado. Esta incorporação retira das reivindicações seu potencial questionador da ordem vigente e as enquadra numa lista de tarefas burocráticas a serem cumpridas, em tese, pelo Estado. O cumprimento ou não destes direitos é o resultado contraditório de lutas permanentes e da formação de equilíbrios instáveis e de arranjos de força entre as classes. Este processo é limitado pela necessidade de reprodução do próprio capital e se limita, portanto, ao nível das reivindicações econômicas parciais, sem atingir jamais os pilares do capitalismo: a propriedade privada dos meios de produção e a exploração da força de trabalho.

Gramsci não deixa dúvida sobre o que representa o Estado para os socialistas: o Estado é a organização econômico-política da classe burguesa; é a classe burguesa na sua concreta força atual.⁹

O Estado burguês funciona como trincheira avançada, protegida por casamatas e fortale-

zas que o enraizavam na carne da sociedade, dando unidade ao domínio burguês. Já o proletariado, segundo podemos interpretar dos textos precedentes de Gramsci, deve ir constituindo seu próprio Estado (proletário) através do Partido.

A luta dos trabalhadores deveria ir construindo suas instituições, assim como sua cultura, mas estas necessitariam, igualmente, de uma unidade e centralidade, de um Estado que se contraporá ao Estado burguês. Assim, conclui Gramsci, “a fórmula ‘conquista do Estado’ deve ser entendida nesse sentido: criação de um novo tipo de Estado, gerado pela experiência associativa da classe proletária, em substituição do Estado democrático-parlamentar”.¹⁰

A construção de um poder popular e o acúmulo de forças, segundo o conceito de hegemonia de Gramsci, implicariam, portanto, não a disputa do Estado burguês, ainda que em certas situações a luta possa chegar ao interior de suas trincheiras, mas fundamentalmente a criação de uma ordem institucional e política contrária à burguesa, em luta contra ela e que se organiza para substituí-la. Nas palavras de Gramsci, o partido proletário:



7. Chris Harman, 1978
 8. Gramsci, citado por Harman, 1978
 9. Antonio Gramsci, 1976, pp231
 10. Idem, 1976c, pp 357
 11. Ibidem, 1976d, pp174

*só pode reconhecer no Estado, conjunto da classe burguesa, o seu direto antagonista. Não pode entrar em concorrência para a conquista do Estado, nem direta nem indiretamente, sem se suicidar, sem se desnaturar e transformar em puro setor político, fora da atividade histórica do proletariado, e se transformar num enxame de moscas de cavalaria em busca dos doces a que se agarrar, morrendo ingloriamente.*¹¹

Portanto, para Gramsci não se trata de “disputar” o Estado burguês, mas de substituí-lo por outro. As organizações criadas pela ação do proletariado em sua luta contra o capital devem se preparar para serem “órgãos do poder proletário que substitui o capitalismo em todas as suas funções”.

Gramsci estabelece uma importante diferença entre aquilo que chama de “grande política” e “pequena política”. A “pequena política”, ou “política menor”, seria aquela que se identifica com a “política do dia-a-dia, parlamentar, de corredores, de intrigas”. A “grande política” seria aquela que compreende “as questões ligadas à fundação de novos Estados, com a luta pela destruição, a defesa, a conservação de determinadas estruturas orgânicas econômico-sociais”.¹²

A política menor seria aquela que se prende a questões “parciais e cotidianas” que se apresentariam no “interior de uma estrutura já estabelecida”. E é por isso, conclui Gramsci, que a classe dominante quer manter toda a luta dentro destes limites, evitando que o choque ocorra entre a defesa daquilo que está estabelecido contra a necessidade de instituir novas formas de vida.

Desta maneira, a disputa de hegemonia é vista como o pro-



Gramsci não deixa dúvida sobre o que representa o Estado para os socialistas: é a organização econômico-política da classe burguesa na sua concreta força atual

cesso pelo qual, simultaneamente, se luta contra o Estado burguês e se constrói um novo Estado proletário. Para que não parem dúvidas sobre se isso significa disputar as instituições do Estado burguês, Gramsci conclui que: “é preciso que o próprio poder passe para os trabalhadores, mas estes nunca o poderão ter até que se iludam de podê-lo conquistar e exercer através dos órgãos do Estado burguês.”¹³

As associações de cultura e a luta pela hegemonia

Na construção do Estado proletário ganham relevo na obra de Gramsci as Associações de Cultura, que devem tratar da preparação do proletariado, criar condições para a disputa da hegemonia, desinteressadamen-

te, isto é, sem esperar o estímulo da atualidade.

O socialismo é uma visão integral de vida, tem uma filosofia, uma mística, uma moral. A Associação de Cultura deve discutir estes problemas, clarificar e propagar. Pode resolver também a função dos intelectuais, que ficam sem espaço/função específica. Um golpe nos dogmas com o espírito da solidariedade desinteressada, o amor pela livre discussão, a busca da verdade com meios humanos (a inteligência). Junto com o Partido e a Central Sindical, seria o terceiro órgão do movimento de reivindicação da classe trabalhadora.

São organizações culturais a igreja, a escola e a imprensa (a esta se vincula tudo que possa refletir a opinião pública, como biblioteca, clubes, círculos, ...).

Utilizando as categorias marxistas, Gramsci faz a leitura aprofundada da sua realidade concreta, buscando descobrir como construir a “grande política” no seu tempo e lugar. Constatada diferenças estruturais entre as formações econômicas do ocidente e do oriente. O ocidente tem maior número de proletários, uma aristocracia operária, uma burocracia sindical, grupos social-democratas, no campo das superestruturas políticas. Tem um capitalismo mais desenvolvido e, portanto, as ações das massas devem ser mais lentas e prudentes. O partido deve ter estratégia e tática mais complexas e de longo alcance. Este quadro do ocidente é muito diferente da Rússia, com as massas na rua e o assalto revolucionário. O proletariado, no ocidente, deve controlar a produção econômica e, além disso, exercer direção política e cultural sobre o conjunto dos não capitalistas, os trabalha-

12. Ibidem, 1976e, pp 159

13. Ibidem, 1977, pp297

dores devem, portanto, conhecer e dominar a reprodução global da formação econômico-social que querem transformar.¹⁴

Hegemonia, em Gramsci, significa *determinar os traços* específicos de uma condição histórica, *tornar-se protagonista* das reivindicações/soluções dos outros e *unir em torno de si* estes outros na aliança contra o capitalismo, isolando-o.¹⁵

Só será classe dominante quem já for classe dirigente, com o consenso da maioria dos trabalhadores. Por substituir a coerção pelo consenso, Gramsci foi contra a expulsão de Trotski, apesar de não concordar com as suas posições políticas.

A Hegemonia tende a construir o Bloco Histórico. Nos Cadernos do Cárcere há somente alusões esquemáticas ao Bloco Histórico, tratando da afirmação sumária da unidade entre a estrutura socioeconômica e a superestrutura-política ideológica.

Bobbio, Piotte e Portelli, sublinham a especificidade do Bloco Histórico e o põem como conceito chave em Gramsci. Constituem o triplo aspecto do Bloco Histórico:

1. Estudo das relações entre estrutura e superestrutura, sem conceber a primazia de uma sobre a outra (consideradas desvios economicista e idealista), o ponto essencial nesta relação é o vínculo que realiza *unidade*, o vínculo *orgânico*, que corresponde a uma Organização Social Concreta. Este vínculo é operado por certos grupos sociais, cuja função é operar, não no econômico, mas no superestrutural: os intelectuais, os funcionários da superestrutura.

2. O Bloco Histórico deve ser ponto de partida de uma análise da maneira como um sistema

de valores culturais – a ideologia – impregna, penetra, socializa e integra um sistema social. Um sistema social só é integrado quando se edifica um sistema hegemônico, dirigido por uma classe que confia a gestão aos intelectuais.

3. Como se desagrega um Bloco Histórico, na Revolução burguesa na França e Itália e na Revolução operária na Rússia (1917) e na Itália (1920).

Educação

Em Gramsci, o papel da Educação está associado à cultura: para os proletários é um dever não serem ignorantes. O problema da educação dos proletários é problema de liberdade. No texto “Homens ou Máquinas”, Gramsci diz que a Cultura e a Escola são privilégios. À escola devem ter acesso todos os inteligentes, qualquer que seja sua condição econômica. O sacrifício do coletivo deve ser em função dos que merecem. As escolas médias e superiores não são para proletários, que delas são excluídos, e as escolas técnicas são pobres.

Para Gramsci, a educação oferecida ao operário manual, que o torna operário qualificado, cria uma falsa mobilidade social e não é democrática, mas estratifica as diferenças de classe; a educação democrática de-

veria elevar os cidadãos, mesmo que tendencialmente, para terem condições de governar. Assim, a escola unitária significava a democratização e o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial, não só na escola, mas também em toda a vida social.¹⁶

A exigência da cultura, a necessidade de organização desta mesma cultura e também a busca de uma relação educativa que livrasse o proletariado da dependência dos intelectuais burgueses são os temas que, segundo Manacorda, começaram a aparecer nos escritos de Gramsci em relação à educação.¹⁷

A Escola Unitária é definida por Gramsci como aquela capaz de, mediante um ensino eficiente, contribuir para retirar da ignorância as camadas mais pobres da população. Gramsci elabora uma proposta concreta de organização da cultura proletária, que envolve a educação e o intelectual orgânico: a necessidade da organização da cultura proletária mediante o trabalho do intelectual orgânico.

A proposta de escola unitária tem o trabalho como princípio pedagógico e a formação escolar de Gramsci se inspirou nos treinamentos dados aos operários, pelas fábricas. Gramsci vê a educação colaborando na indústria e também a indústria como um elemento educativo: a produção disciplina o trabalha-

A educação oferecida ao operário manual, que o torna qualificado, cria uma falsa mobilidade social e não é democrática, mas estratifica as diferenças de classe

14. Ibidem, 1989

15. Ibidem, 1989

16. Maria Miguel, 2002

17. Mario Manacorda, 1977, p. 23

dor e é, portanto, educativa.

O trabalho sendo o princípio educativo já na escola elementar ajuda a combater uma leitura mágica do mundo, fornecendo os princípios para desenvolvimento de uma concepção dialética, para a compreensão da soma de esforços e de sacrifícios que o presente custou ao passado e que o futuro custa ao presente; para a concepção da atualidade como síntese do passado que se projeta no futuro. Este princípio educativo deverá ser capaz de permitir aos alunos perceberem o movimento real existente no processo histórico.¹⁸

O trabalho como princípio educativo em Gramsci é entendido além da educação escolar. Sua pedagogia propõe a formação de intelectuais orgânicos, capazes de contribuir para dar organicidade de classe ao proletariado, de forma que este passe a conquistar e consolidar a sua hegemonia em direção à sociedade socialista.

O Intelectual Orgânico deste processo educativo deveria ser capaz de promover uma centralização e um impulso da cultura nacional italiana, que fossem superiores aos dos intelectuais tradicionais com os quais disputariam a hegemonia (da Igreja Católica). Este intelectual servirá de elo de ligação entre a infra e a superestrutura, entre dirigentes e dirigidos, deverá por um lado elaborar e difundir a ideologia e, por outro, assegurar à classe uma certa homogeneidade e uma consciência de seu lugar na sociedade.¹⁹

No texto "Escola Desinteressada", Gramsci diz que a escola deve tratar de princípios gerais para desenvolver o caráter. Deve ser humanista. Não deve mover



A pedagogia de Gramsci propõe formar intelectuais orgânicos capazes de dar organicidade de classe ao proletariado para conquistar e consolidar a sua hegemonia

a criança num sentido preestabelecido. A escola deve ser de liberdade e livre iniciativa, não de escravidão e mecânica. Os alunos não devem ser instruídos numa profissão sem Idéia Geral, Cultura Geral, só com um golpe de vista infalível e mão firme.

Na proposta da escola unitária estão presentes os principais elementos da pedagogia de Gramsci, ou seja, a escola estreitamente vinculada às necessidades socioeconômicas, compreendidas aí, as político-culturais. Estas necessidades não se situam

num plano genérico, porém são determinadas pelo contexto histórico-econômico e estão vinculadas a uma classe específica, o proletariado.²⁰

No texto "Universidade Popular", Gramsci diz que esta não conseguiu impor-se em Turim e analisa as causas:

- é possível reunir um público em volta de um fogo de cultura, desde que este fogo seja vivo e aqueça de verdade;
- o que os faz operar é um brando/pálido espírito de beneficência, não um desejo vivo e fecundo de contribuir para a elevação espiritual das massas;
- não se buscou o modo mais eficaz como estas categorias de pessoas pode aproximar-se do mundo do conhecimento;
- tratou com dogmas, verdades prontas;
- uma verdade só é fecunda quando se faz um esforço para a conquistar; fecunda é a conquista do espírito e não a verdade em si. Deve-se reproduzir em cada um aquele estado de ânsia que atravessou o estudioso antes de alcançar a verdade. Deve-se, portanto, dar valor à história da matéria a ensinar, mostrar os esforços, erros e acertos;
- o ensino, dessa maneira, torna-se ato de libertação; tem o fascínio de todas as coisas vitais.

O Intelectual Coletivo

Como um avanço e um mecanismo de coordenação/organização dos intelectuais individuais, Gramsci constrói o conceito de Intelectual Coletivo, que equivale ao Partido do proletariado, mas não o partido entendido como "aparelho", que seria um erro, e sim um Partido de Mas-

18. Antonio Gramsci, 1982

19. Idem, 1982, e Maria Antonietta Macciocchi, 1980

20. Maria Miguel, 2002

sas, orgânico aos Movimentos Populares, diferindo e se afastando, desta forma, da definição de partidos de quadros expressa em *Que Fazer*, de Lênin.

Baseado no Príncipe, de Maquiavel, considerado o Intelectual Individual, Gramsci define o Partido Revolucionário Moderno como o “moderno príncipe”, o Intelectual Coletivo. Voltando, assim, a se aproximar do conceito de partido definido por Lênin, em “*Que Fazer?*”, onde a tarefa básica, que equipara o Partido ao Intelectual Coletivo, é superar na classe operária a consciência trade-unionista/sindicalista ou fornecer elementos teóricos para a classe operária elevar-se em consciência de classe, em direção à totalidade.

O moderno príncipe deve construir um “momento catártico”, para superar os resíduos corporativos (momentos egoístico-passionais) e formar a vontade coletiva, nacional popular, que ascenda do particular ao geral e da necessidade à liberdade.

Segundo Gramsci, o partido político para todos os grupos é “precisamente o mecanismo que cumpre, na sociedade civil, a mesma função desempenhada pelo Estado na sociedade política, de um modo mais vasto e mais sintético; ou seja, proporciona a fusão entre os intelectuais orgânicos de um dado grupo, o dominante, e os intelectuais tradicionais.”²¹

Só no momento “ético-político”, que Lênin chama de consciência que vem de fora da práxis econômica, é que o proletariado pode tornar-se classe nacional, dirigente e hegemônica. Elaborar de modo homogêneo e sistemático esta “vontade coletiva” é construir novo Bloco Histórico Revolucionário. Para Gramsci

este é o papel do Partido.

Segundo Coutinho, Gramsci ainda não fala de vários partidos. Togliatti o fará, distorcendo o sentido gramsciano do conceito.

Gramsci destaca a sua diferença com Sorel, para quem a greve geral, por exemplo, adquire força de mito, sem vínculo com a realidade objetiva. Contra a espontaneidade de Sorel, Luxemburgo e Bordiga, propõe partir do “espontâneo” e educar, purificar e orientar como política de massas e não aventura de grupos, nem de cima para baixo.

O partido deve lutar política, econômica, social e culturalmente pela criação de uma Nova Cultura para a vontade coletiva Nacional-Popular. Deve proceder a uma Reforma Intelectual e Moral.

Esta nova cultura de massa deve recolher e sintetizar os momentos mais elevados da *cultura do passado*, deve unir a profundidade intelectual do Renascimento com o caráter popular da Reforma. É preciso dar cabo da divisão proprietários/não-proprietários e intelectuais/pessoas simples; sendo esta ação decisiva na luta pelo fim do Estado.

Em um Partido, todos os membros devem ser considerados intelectuais. Não pelas qualidades individuais, mas, “pela função, que é diretiva e organizativa, isto é, educativa, intelectual (...). No partido político

os elementos de um grupo social econômico superam este momento de seu desenvolvimento histórico e se tornam agentes de atividades gerais, de caráter nacional e internacional”²²

Os intelectuais são agentes de consolidação de uma vontade coletiva, de um Bloco Histórico. São Orgânicos quando, em estreita ligação com a emergência de uma classe social determinante no modo de produção econômico, têm a função de dar homogeneidade e consciência a esta classe. São Tradicionais quando, no passado foram orgânicos de uma classe, por exemplo, os padres com relação à nobreza no feudalismo; com o desaparecimento da nobreza se tornam mais ou menos independentes e autônomos. “Pode-se observar que os intelectuais “orgânicos” que cada nova classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo, são, “especializações” de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz”.²³

Gramsci considera intelectuais isolados, ou em grupos (revistas, jornais,...) como partidos ou frações. Os intelectuais isolados são os:

“comissários” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas de hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso “espontâneo” dado pelas

O partido cumpre, na sociedade civil, a função desempenhada pelo Estado na sociedade política, de modo mais vasto e sintético; funde os intelectuais orgânicos do grupo dominante e os intelectuais tradicionais

21. Antonio Gramsci, 1989, pp48

22. Idem, 1989, pp49-50

23. Ibidem, 1989, pp35

*grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social... 2) do aparato de coerção estatal que assegura "legalmente" a disciplina dos grupos que não "consentem".*²⁴

No partido, nem todos os intelectuais são de mesmo nível, portanto a organização se dá em estratos:

1. Estrato de "homens comuns, médios", caracterizados mais pela disciplina e fidelidade do que pelo espírito criativo.

2. Estrato coesivo principal, que organiza e centraliza, que dirige. São os capitães, é mais fácil formar um exército do que formar capitães.

3. Estrato intermediário, que liga os estratos 1 e 2 e tem elementos de 1 e de 2, não é fixo. O partido é democrático quando:

a) há circulação permanente entre 1, 2 e 3;

b) quando sua ação não é conservadora, mas progressista, para elevar ao nível da nova legalidade as massas atrasadas;

c) quando não é mero executante, mas deliberador.

Na luta deve-se sempre prever a derrota e a preparação dos próprios sucessores (2 preparando 1 e 3).

Conclusão

Entender Gramsci e conseguir aplicar nos nossos dias as categorias que ele desenvolveu constituem obra de grande envergadura e, como grande empreitada, pode produzir os frutos adequados ao necessário realinhamento das forças socialistas com vistas a mobilizar forças na direção da superação do capitalismo. Obviamente este artigo não pretende realizar tal empreitada, mas tão somente contribuir para que mais educa-

dores e militantes políticos identifiquem em Gramsci um Educador Socialista e possam se utilizar das ferramentas por ele desenvolvidas para construir uma atuação prática e teórica coerentes com a matriz teórica do materialismo dialético e, portanto, o mais efetiva possível para construir o anti-Estado, o Estado Proletário desde já.

A conquista do poder nas sociedades avançadas e complexas deve ser precedida de longa batalha pela Hegemonia e pelo Consenso no interior e através da Sociedade Civil. É uma longa



marcha pelas instituições da Sociedade Civil, a transição como "processo" em lugar da "grande noite" da tomada do palácio.

Um grupo social precisa ser dirigente antes de ser dominante. Para Gramsci, a crise no ocidente não é pontual, é sinal de que o velho morre, mas o novo não consegue nascer: a classe dominante perdeu o consenso, não é mais dominante, só dirigente, isto é, as grandes massas se separaram da ideologia e a crise é de hegemonia política, isto é, uma crise orgânica do capital.

Neste caso, o critério não é

mais (ou apenas) a "grande noite" (da "tomada do palácio"), mas a iniciativa dos sujeitos coletivos, a capacidade de fazer política, envolver a massa para resolver seus próprios problemas. Esta classe dirigente deve tornar-se classe nacional (assumir para si os problemas efetivos da nação / não corporativos).

Nesta formulação da Guerra de Movimento, Gramsci se põe a continuar Lênin e, apesar dos muitos usos reformistas que foram feitos da sua obra, este nunca negou o papel determinante da economia na vida política, dizia que: [enquanto] "pode ser descartada a hipótese que as crises econômicas imediatas produzam, por si mesmas, eventos históricos fundamentais (...) elas podem simplesmente criar um terreno mais favorável para a disseminação de certos modos de pensar e certos modos de pôr e resolver questões, envolvendo todo o desenvolvimento subsequente da vida nacional".²⁵

Para nós educadores e militantes por uma nova sociedade, Socialista, se trata de "encontrar" constantemente e em cada conjuntura particular a metodologia para conciliar o tático, sempre relacionado a objetivos mais imediatos (como lutas por salário, condições de trabalho) com o estratégico (construção do Intelectual Coletivo, do Estado Proletário), construindo desta forma, em cada ação política que realizarmos a "Grande Política", que se soma na derrubada do atual modo de produção. Há uma ciência para isso e ela se encontra referida e utilizada em toda a obra de Gramsci. É o materialismo dialético, formulado e desenvolvido pelo marxismo, corrente teórica onde se inscreve completamente o teórico e militante Gramsci.

24. Ibidem, 1989, pp42

25. Gramsci, citado por Harman, 1978

Segundo Gramsci, os componentes ideológicos presentes na massa sempre se atrasam em relação aos fenômenos econômicos de ação desta própria massa, avalia então que, “em certos momentos o impulso automático devido ao fator econômico é freado, obstruído, ou mesmo momentaneamente quebrado pelos elementos ideológicos tradicionais”. Exatamente por causa desse atraso da ideologia em relação à economia, a intervenção do Partido Revolucionário nas lutas econômicas dos trabalha-

dores é fundamental para arrancá-los da influência reformista. Disto se depreende que:

*deve haver uma luta consciente, planejada, para assegurar que as exigências da posição econômica das massas, que podem ser incompatíveis com as políticas das direções tradicionais, sejam compreendidas. Uma iniciativa política apropriada é sempre necessária para liberar o impulso econômico do peso morto das políticas tradicionais.*²⁶

Restam vários desafios importantes como tarefas dos revo-

lucionários atuais e no campo da Educação se encontra um dos mais importantes: reencontrar o Gramsci educador socialista, através do domínio teórico do marxismo, do desenvolvimento e aplicação desta ciência na prática educativa e militante e da construção do Intelectual Coletivo, necessário e fundamental para “romper a crosta bruta que soterra” as idéias dos dominados com idéias dominantes, permitindo que a ação proletária encontre o ser social da classe proletária, o sujeito revolucionário.



Armenes de Jesus Ramos Jr
é doutor em Educação pela UFPR

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci*. Porto Alegre, L&PM Editores, 1981. 232 p.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci. Um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro, Campus, 1989. 142 p.
- FERNANDES, Florestan. *Poder e Contra-poder na América Latina*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- GRAMSCI, Antônio. A intransigência de classe e a história italiana. *Il Grido Del Popolo*, 18/05/1918. *Escritos políticos*. Lisboa: Seara Nova, 1976.
- GRAMSCI, Antônio. Democracia operária. *L'Ordine Nuovo*, 21/06/1919. *Escritos políticos*, v. 1. Lisboa, Seara Nova, 1976a.
- GRAMSCI, Antônio. O problema do poder. *L'Ordine Nuovo*, 29/11/1919. *Escritos políticos*, v. 2. Lisboa, Seara Nova, 1976b.
- GRAMSCI, Antônio. O Estado e o socialismo. *L'Ordine Nuovo*, 28/06 e 5/07/1919. *Escritos políticos*, v. 1. Lisboa, Seara Nova, 1976c.
- GRAMSCI, Antônio. A intransigência de classe. *Il Grido del Popolo*, 8/12/1917. *Escritos Políticos*. Lisboa, Seara Nova, 1976d.
- GRAMSCI, Antônio. Socialista ou comunista? *L'Ordine Nuovo*, 13/05/1921. *Escritos políticos*, v. 2. Lisboa, Seara Nova, 1977.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere nº 11 e nº 12*. Tradução de Paolo Nosella. Trabalho Apresentado na XII Reunião anual da AMPEd- Faculdade de Educação / USP, 1989.
- HARMAN, Chris. *Gramsci vs Reformism, Bookmarks*, Londres, 1978.
- MANACORDA, 1977. *El princípio educativo em Gramsci*. Trad. Luis Legaz. Salamanca: Sigueme, 1977.
- MACCIOCCHI, Maria Antonieta. *A favor de Gramsci*. Trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- MIGUEL, Maria E B. *PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE GRAMSCI*. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.3, n.7, p.63-73, 2002.

26. Idem